

Moçambique. Os acontecimentos de 7 de Setembro e 21 de Outubro de 1974

Carlos Camilo

No âmbito do processo global de descolonização iniciado em cumprimento do objectivo fixado pelo Movimento das Forças Armadas, no programa que apresentou à Nação após a acção militar na madrugada de 25 de Abril de 1974, no que respeita a Moçambique e particularmente à componente violenta daquele processo, dois fenómenos se consideram de referir quer pela relevância dos actos em si, quer pelos reflexos extremamente importantes que tiveram na condução do processo da descolonização moçambicano, nomeadamente no período de transição.

Esses fenómenos foram, no nosso ponto de vista, os acontecimentos de 7 de Setembro e de 21 de Outubro de 1974.

Abordar no entanto estes acontecimentos, mesmo numa perspectiva meramente factual ou de tentativa de contributo na clarificação das razões que conduziram à utilização de processos violentos como meio de coação, que visavam condicionar ou mesmo alterar a política de descolonização encetada, não parece útil nem coerente, sem que se procure fazer um curto e necessariamente superficial enquadramento da situação política, social, psicológica e militar, que se vivia em Moçambique até à assinatura do Acordo de Lusaka.

O 25 de Abril, fenómeno político-militar de muito curta duração, de gestação activa também curta e muito particular no que concerne à filosofia política, social e económica que transportava, trouxe em si, um profundo, extenso e complicado processo, que apanha prática se não totalmente desprevenidas as consciências políticas internas, adormecidas e condescendentes com excepção daquela que desde há muito organizada, se batia com armas na mão, liderando a luta de libertação.

Algumas referências poderemos, ainda encontrar, em abono de uma certa veracidade histórica, de movimentações independentistas à maneira rodesiana com algum incremento entre 1971 e 1973.

No campo social, para além das áreas afectadas directamente pelo conflito ou sofrendo mais imediatamente os seus reflexos, o estatuto de relacionamento entre populações branca e negra, não sofreu alterações significativas ao longo da guerra mantendo-se bem viva à influência das experiências sul-africanas por um lado e rodesiana por outro.

O ambiente psicológico degradado por longos anos de combate, onde o afastamento entre a população branca e as tropas continentais cavou fossos intransponíveis, caracterizava-se por um misto de fatalismo e incerteza.

O aparelho militar igualmente desgastado, mantinha um dispositivo de quadrícula procurando garantir a segurança de áreas populacionais importantes, zonas de interesse militar, locais e regiões indispensáveis à vida económica do território, utilizando núcleos de forças especiais para acções de intervenção.

O dispositivo militar estava assim, naturalmente montado para fazer face às ameaças então existentes, com balanceamento de forças e centros de decisão militar, acentuados a Norte do R. Save.

Refere-se aqui este aspecto por se considerar importante como um dos factores que condicionou a possível contenção no plano militar, dos acontecimentos do 7 de Setembro.

A correlação de forças políticas em Portugal até Setembro, os projectos diversificados sobre o futuro das colónias portuguesas, a incorrecta análise da situação, os «slogans» hábil e profusamente explorados para pôr fim à guerra, *minando os instrumentos de força suporte de qualquer tipo de política de negociação a levar a cabo com aquela finalidade*, o espectro do referendo, em suma, neste circunstancialismo a DEMOCRACIA jogada em modelos europeus com solução para os problemas portugueses em África, terão sido o berço onde saíram e de que se aproveitaram os cerca de 45 grupos, organizações ou partidos que surgiram após o 25 de Abril em Moçambique, em que destacamos quer de raiz africana negra (GUMO, UNIPAMO, COREMO, etc.) quer de raiz africana branca (FEDERALISTAS, CONVERGÊNCIA DEMOCRÁTICA, FICO, etc.) para tentarem ocupar a mesa do poder.

Por outro lado, a falta de esclarecimento das massas populares, o desmedido «FRELINISMO» dos órgãos de comunicação social - utilizando sistematicamente a tática da destruição de «valores coloniais» de uma forma primária exacerbando rancores e influenciando portuguesismos doentios - a crise crescente da autoridade e a inadequada utilização dos meios com capacidade de dissuasão no espaço e no tempo, vieram criar o clima geral propício à exploração emocional que ocorreu logo após o referido acordo.

Por se considerar igualmente relevante e no âmbito do enquadramento anteriormente apresentado, refere-se ainda pela instabilidade que criou na área civil e militar, pelo vazio de poder que reflectiu e pela irresponsabilidade política que demonstrou a atitude abrupta de demissão irreversível, do então Governador Geral Dr. Soares de Meio, numa altura em que seria fundamental, num teatro de operações como era Moçambique, a manutenção de uma estrutura política com capacidade de decisão perante os graves problemas que se avizinhavam. Qualquer solução de interinidade estava à partida, por desajustada às necessidades prementes que se colocavam, condenada à ineficácia e ao fracasso.

Aproveitando a instabilidade emocional das populações menos esclarecidas, utilizando incidentes localizados de agitação social, explorando sentimentalismos, alguns grupos políticos apoiados indirectamente pelos interesses dos grupos económicos ligados a Moçambique, arrastando, por processos de manipulação psicológica de tipo patrioteiro, uma grande maioria da população branca emotivamente mobilizada para a criação de um movimento separatista branco, como resposta à assinatura dos Acordos de Lusaka que consagravam um módulo da descolonização que punha em causa o «status» adquirido, lançam-se na aventura da ocupação do Rádio Clube de Moçambique, utilizando a força e jogando com a hipótese da hipoteca de parte das Forças Armadas, Forças Para-Militares e Forças de Segurança ou pelo menos com a sua indecisão e ainda com a falta da implantação e controlo político-militar por parte da Frente de Libertação de Moçambique. Este Movimento (MML) concentrou principalmente os seus esforços em Lourenço Marques e na Beira, e pode actuar sem grandes dificuldades, dada a crise de autoridade existente, a ausência de um dispositivo militar adequado às então condições das relações de força em presença e à inexplicável indecisão dos altos comandos militares em exercício.

Sonegando informações importantes, procurando constantemente aliciar elementos das tropas portuguesas, utilizando mulheres e crianças como escudo físico dos locais que ocupava, conseguiu manter-se em actividade 4 a 5 dias praticamente até ao dia seguinte ao da chegada a Lourenço Marques do Alto Comissário e à consequente remodelação do dispositivo militar.

Este Movimento, inicialmente liderado por figuras políticas locais, evocando algumas vezes como seu coordenador no exterior o Eng. Jorge Jardim, viveu os seus últimos dois dias sem o mínimo comandamento político, pois os seus inspiradores tinham desarmado dado o significado que a ratificação dos Acordos de Lusaka pelo Presidente da República, necessariamente envolvia.

Assim, condenada ao fracasso desde início, esta atitude traz, no entanto, funestas consequências.

Aquele período, salda-se por um número considerável de mortos (7 brancos e 300 negros) e por um elevado número de feridos.

Até finais de Setembro, assistiu-se a uma onda de reacção negra, de depradações, de violência, de agudização e manifestações de ódios rácicos, de pilhagem, de assaltos às propriedades daqueles que mais directamente exploravam o africano - com especial incidência nas cantinas - actuações estas que se estenderam das áreas urbanas para as rurais.

Esta situação, além das mortes e destruições que causou atingindo valores grosseiramente estimados na altura na ordem dos 3 milhões de contos, provoca a fuga de numerosas famílias para a RAS e Rodésia e o afluxo aos centros urbanos dos desalojados das áreas suburbanas e rurais.

Houve pois que actuar, por forma a dominar este clima de agitação e confrontação directa pelo que considerando a necessidade urgente da pacificação se actuou preferencialmente nas áreas da informação, da autoridade e da estrutura militar.

A substituição de Comandos Militares, a movimentação de tropas do Norte para Sul, a reformulação do INIMIGO e o estudo das suas possibilidades de actuação, bem como um conjunto de medidas sobre os órgãos de comunicação social e a tomada de posse do Governo de Transição deram uma tônica de determinação que suscitou a transformação rápida do movimento violento de contestação e retaliação numa onde de curiosa mas vigilante expectativa.

Os resultados das medidas tomadas, como era natural, não foram imediatos. O boato dirigido era a arma preponderante na procura da manutenção da instabilidade. Neste deslizar da luta contra o tempo no aperfeiçoamento dos mecanismos de actuação na necessidade de conjugar o emprego de forças mistas (NT- Frelimo), na fraca qualidade e quantidade dos quadros da Frente de Libertação e na dificuldade de adaptação da generalidade das suas forças a situações sociais complexas, surgem os acontecimentos de 21 de Outubro que, embora de curta duração e em áreas limitadas de Lourenço Marques, tomam características de profundo ódio rácico.

Os incidentes reflectem-se mais sobre as pessoas do que sobre as propriedades, havendo proporcionalmente à duração dos acontecimentos do 7 de Setembro um mais elevado número de mortos brancos, cerca de 50.

Ao contrário dos acontecimentos do 7 de Setembro, não houve envolvimento nestes incidentes das massas populacionais africanas em si, mas sim de grupos marginais, «MABANDIDOS» mulheres e jovens.

A curta duração, deveu-se a actuação das forças mistas, ao não envolvimento das populações e ao relativo controlo já então verificado pela actuação dos embriões dinamizadores dos bairros suburbanos.

Da actuação das forças da ordem, nos incidentes atrás referidos, transparecia já uma relativa eficiência que acabou por ser testada 3 dias após, quando um boato originário da zona comercial (Baixa da cidade de Lourenço Marques) e cais alastra rapidamente provocando o pânico nas populações branca e negra.

Verifica-se um impressionante, rápido e total abandono dos locais de trabalho, refugiando-se pessoas nas suas casas, ao mesmo tempo que os subúrbios entravam em efervescência.

Foi aqui que a «máquina militar» montada actuou com oportunidade evitando uma situação que no mínimo se avizinhava idêntica às anteriores.

* Comunicação não apresentada oralmente por dificuldades de tempo. Foram-lhe feitas referências na exposição do Almirante Vitor Crespo.